

LITERATURA DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA E RESISTÊNCIA: O MULHERIO DAS LETRAS

CONTEMPORARY WOMEN'S LITERATURE AND RESISTANCE: THE MULHERIO DAS LETRAS

Jéssica Casarin ¹

Resumo: O campo intelectual e artístico-literário brasileiro é marcado por uma evidente desigualdade de gênero, o espaço da mulher autora na literatura brasileira permanece marginalizado. Este trabalho objetiva refletir sobre o espaço da literatura de autoria feminina no Brasil e analisar a presença de movimentos de mulheres escritoras responsáveis por divulgar textos de autoria feminina, uma forma de resistência no cenário literário contemporâneo brasileiro. Assim, analisa-se o grupo Mulherio das Letras através de coleta e análise de dados encontrados em sua maior ferramenta de comunicação, a rede social Facebook. A partir da análise da ação e estruturação do grupo, podemos inferir que o movimento Mulherio da Letras é uma organização importante para a conquista de espaços para as autoras no cenário da literatura nacional e configura-se como um espaço colaborativo para formar redes de contato, diálogo e divulgação de escritos em busca de igualdade no mercado e no campo literário. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Coletivos Literários. Literatura de Autoria Feminina. Literatura Brasileira Contemporânea.

Abstract: The Brazilian intellectual and artistic-literary field is marked by gender inequality and the space of women writers in Brazilian literature remains marginalized. This thesis aims to reflect on the space of women's writing in Brazil and to analyze the presence of movements of women writers responsible for disseminating women's texts, which is a way of express resistance in the Brazilian contemporary literary scenario. Also, we collected data from the group Mulherio das Letras through its largest communication tool, the social network Facebook. From the analysis, we can infer that the Mulherio da Letras movement as an important organization for the conquering of spaces for women authors in the space of national literature. The group is configured as a collaborative space to do networking, to dialogue and as a disseminating space of writings, which causes resistance in the search of equality both in the market and in the literary field. This work was carried out with the support of the Higher Education Personnel Improvement Coordination - Brazil (CAPES) - Financing Code 001.

Keywords: Literary Collective. Women's Writing. Contemporary Brazilian Literature.

Introdução

O cenário literário brasileiro é um espaço marcado por restrições e segregações, que muito se relacionam à desigualdade social que acomete o país. As oportunidades para escritores pertencentes a grupos minoritários publicarem e divulgarem seus escritos são reduzidas, já que o mercado literário tradicional reflete valores conservadores ocidentais, destacados por Roberto Reis (1992) como o patriarcalismo, o arianismo e a moral cristã. Nesse sentido, as mídias, as grandes editoras e principalmente o cânone são ferramentas utilizadas pelos grupos influentes para conservar tais valores sociais, funcionando como um meio de reforçar fronteiras culturais e ideológicas e impedindo maior visibilidade da literatura de grupos marginais.

Assim, embora a arte literária exista em todas as facetas sociais, a discriminação de grupos que não correspondem a um determinado perfil de mercado, tanto na obra quanto na autoria, ainda é uma realidade na contemporaneidade. Segundo Reis (1992), a literatura, então, “tem sido usada para recalcar os escritos (ou as manifestações culturais não-escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos – mulheres, etnias não-brancas, as ditas minorias sexuais, culturas do chamado Terceiro Mundo” (1996, p. 5).

A palavra que define essa constante busca por visibilidade não poderia ser outra, senão resistência. Segundo Alfredo Bosi (1996, p. 11), seu sentido “apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia”. São muitas as forças, na sociedade brasileira contemporânea, que nos são impostas, que nos obrigam a agir, a silenciar, a aceitar determinadas morais e valores carregados, historicamente, de preconceitos e hierarquias. Impor força contra tais aspectos, então, é perceber que não condizem com a realidade, com o que é justo, e não aceitar tais determinações, resistir.

A forma principal de resistir a esse silenciamento é não se conformar com o reconhecimento ou não de suas obras pelo sistema literário tradicional e questionar o cânone tradicional, aquele que corrobora para a manutenção de valores elitistas e conservadores quanto à autoria e a temáticas, como algo que não pode ser visto como algo incontestável, mas sim passível de crítica. Também é entender que a publicação de um texto está sujeita a um mercado que busca conservar discursos dominantes e que tem o lucro como propósito principal.

Na literatura e em outras manifestações artísticas consideradas importantes estão imbricados valores e aspectos identitários de grupo, e essa constituição como um coletivo ou nação e está sujeita, mesmo que implicitamente, a muitas formas de silenciamento e direcionamento. Assim, quando analisamos escritos sobre a história de um país ou uma literatura, deve estar clara a compreensão de que está ali encoberta uma série de fatores alheios ao texto:

A cultura, com efeito, é um conjunto de sistemas simbólicos, de códigos que, de uma forma ou de outra, prescrevem ou limitam a conduta humana. O que nos sugere que a cultura implica ou requer mecanismos de cerceamento social. Ou, dito de uma maneira mais precisa, no interior de qualquer formação cultural as camadas dirigentes se valem de diversas formas discursivas e as transformam em ideologia para assegurar o seu domínio (REIS, 1992, p. 1).

Tomando a cultura como o conjunto de aspectos que definem um grupo, admitir que todos são regidos por alguma forma de controle é importante para nos mantermos atentos sobre todo discurso que é veiculado. Assim como não há uma verdade absoluta, não há um cânone que represente um país de maneira absoluta, e todo processo de escolha de obras implica um processo de exclusão, normalmente atrelado a literaturas que estão à margem, escritas por sujeitos que pertencem a grupos minoritários.

É por isso que é necessário refletir sobre o sistema literário contemporâneo brasileiro e os espaços (ou a ausência deles) destinados àqueles sujeitos que são minorias. Nos direcionamos a uma minoria social e sua literatura, aquela escrita por mulheres. Entendemos a parcela feminina da população como um grupo que não é homogêneo, mas que sofre diariamente com

violências de gênero, com traumas que perpassam todas as classes sociais, cores e situações. Embora de maneiras e níveis diferentes, todo o sujeito que se reconhece como mulher sofre diante de uma sociedade machista, patriarcal e conservadora. É por isso que compreendemos, nesse trabalho, a mulher como um grupo único, dotado de inúmeras heterogeneidades, mas unido diante dos preconceitos relacionados a gênero, que segregam, excluem e restringem seus espaços no sistema literário nacional e na sociedade, de maneira geral.

Em um cenário desafiador para a mulher escritora, buscar seus próprios espaços e redes de contatos, ser autônoma no processo de divulgação de suas obras e criar relações *on-line* são maneiras de seguir resistindo contra a estratificação social e cultural que acomete, também, o campo literário brasileiro contemporâneo. Grupos formados por escritores e outros membros do processo editorial, como editores, donos de pequenas editoras, publicitários, colunistas de jornais e revistas, leitores etc., evidenciam o interesse em garantir um lugar, mesmo que periférico, para aqueles autores que estão além ou às margens do mercado editorial tradicional.

A participação em grupos ou organizações de esforço coletivo que se mobilizam para publicação, divulgação e circulação de obras de autores, principalmente via mídias digitais, também é uma oportunidade para garantir contato entre escritores de todo o país, socializando ideias e obras para leitura. O *Mulherio das Letras* é um desses espaços, uma organização de mulheres que se relacionam à cadeia produtiva do livro, com o objetivo de garantir trocas entre autoras e outras mulheres que se interessam por esse assunto. Assim, configura-se como um espaço para divulgar ideias e fortalecer a literatura de autoria feminina em busca de mais visibilidade. O grupo possui uma página na rede social Facebook em que todas podem ler e apresentar seus trabalhos. Além disso, também há encontros presenciais em diversas cidades, promovendo debates, trocas e parcerias entre pessoas envolvidas no processo de produção literária.

O alcance de tais organizações ainda está em progressão, mas percebemos que pode surgir, desse movimento, uma nova proposta para entender a produção de literatura, fora dos meios de divulgação tradicionais, editoras renomadas e autores já canonizados. Busca-se, com este trabalho, refletir sobre o espaço da literatura de autoria feminina no Brasil e analisar, em linhas gerais, o grupo *Mulherio das Letras* como uma organização de mulheres escritoras que divulga e evidencia textos de autoria feminina, uma forma de resistência no cenário literário contemporâneo brasileiro.

Mulheres escritoras: exclusão e resistência

Na literatura, a hegemonia masculina se revela como uma realidade, já que, embora a autoria feminina esteja em pauta nos debates sobre literatura nas últimas décadas, ainda encontramos resistência na sociedade, seja no estímulo à produção, oportunidades para publicação ou mesmo divulgação de seus escritos. São marcas de um passado patriarcal e machista, que não reconhecia, na figura feminina, capacidades intelectuais para atividades de cunho científico e criativo.

Segundo Constância Lima Duarte (1991), no campo intelectual, artístico literário ocorre o mesmo processo, já que esse espaço de exclusão nasce de uma dura discriminação entre os sexos. Até as primeiras décadas do século XX, teses e pesquisas sobre a incapacidade intelectual da mulher, normas e estudos que preconizavam o espaço feminino, como aquele reduzido ao doméstico, eram disseminados por uma “sociedade que se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer de seus domínios. As relações entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder e marcaram de forma inequívoca a história social e cultural de um povo” (DUARTE, 1991, p. 89). Sujeitas a violências e pressões de sua família e sociedade, as mulheres precisavam se submeter às vontades dos homens que com elas conviviam, permanecendo reclusas e silenciadas dentro de seus lares, sem poder exercer senso crítico e intelectualidade.

Como salienta Soihet (1997), a mulher, durante muito tempo, foi associada à submissão, e lhe foi imposta a segregação, sendo reduzida ao ambiente e afazeres domésticos, desprovida de potencialidades para a ciência e estudo, competências destinadas ao homem. Essa visão foi

consolidada pelo Iluminismo:

A inferioridade feminina que encontra suas raízes na diferença sexual estender-se-á a todo seu ser, em particular às suas faculdades intelectuais. Constituem-se as mulheres, de acordo com a maioria dos filósofos iluministas, no ser da paixão, da imaginação, não do conceito. Não seriam capazes de invenção e, mesmo quando passíveis de ter acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade. A beleza, atributo desse sexo, era incompatível com as faculdades nobres, figurando o elogio do caráter de uma mulher como uma prova de sua lealdade (SOIHET, 1997, p. 03).

Assim, acreditou-se na inferioridade intelectual da mulher, vista apenas como objeto de desejo, de beleza e apreciação, em que os únicos pensamentos se relacionavam com sentimentos como amor e sensibilidade. Embora essa visão reducionista tenha sido desconsiderada com avanços na área cognitiva, a misoginia e a dominação masculina permanecem arraigadas na sociedade contemporânea.

As mulheres que possuíam acesso à educação e o ímpeto de fazer literatura foram vítimas de muito preconceito e falta de reconhecimento. Para publicarem suas obras, utilizavam recursos como o anonimato, o uso de pseudônimos ou mesmo a publicação de suas obras sob a falsa autoria de outros escritores. Essa realidade salienta uma hierarquização determinada pelo gênero, presente em todas as camadas sociais, responsável por podar grandes escritoras, que sequer têm seus nomes registrados nos livros de história da literatura.

Segundo Débora Cristina Esser (2014), a mudança desse cenário opressor para as mulheres, na literatura nacional, começou a acontecer a partir das narrativas de Machado de Assis, que pela primeira vez mostravam personagens complexas e fora dos padrões de submissão, dotadas de desejos, sentimentos e inteligência. Embora indiretamente, foram aí os primeiros passos para uma reivindicação em busca de reconhecimento no meio e, de “personagem à escritora, a mulher revolucionou não somente a literatura, mas a vida em sociedade. Passou de mera coadjuvante à personagem principal, podendo, enfim, assinar seu nome nas obras que ganharam o mundo” (ESSER, 2014, p. 12). Entende-se, então, que o processo de reconhecimento de obras e da literatura feminina, de maneira geral, é contínuo, e a mulher deve, ainda hoje, lutar por seu espaço.

É importante salientarmos essa necessidade de posicionamento e resistência da mulher, porque, no cenário literário contemporâneo, ocupam um papel secundário no mundo das letras, seja como escritoras ou em demais ocupações pertencentes a esse nicho de mercado, como críticas literárias, editoras, etc. Se analisarmos, por exemplo, o histórico de laureados com o Prêmio Nobel de Literatura, em que dos 114 contemplados, de 1901 a 2017, apenas 14 foram mulheres, fica evidente o machismo ainda vigente no mundo.

A própria Academia Brasileira de Letras também evidencia essa perspectiva. Até 1976, apenas escritores do sexo masculino eram aceitos e, hoje, possui, em sua história, apenas 3% de escritoras mulheres. O caso se repete quando analisamos a partir de outras perspectivas. Na pesquisa de Dalcastagnè (2005), por exemplo, em que é feito um mapeamento dos romances brasileiros publicados no período de 1990 a 2004,

Chama a atenção o fato de que os homens são quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%. Cerca de 70 anos após Virginia Woolf publicar sua célebre análise das dificuldades que uma mulher enfrenta para escrever, a condição feminina evoluiu de muitas maneiras, mas a literatura – ou, ao menos, o romance – continua a ser uma atividade predominantemente masculina. Não é possível

dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos) (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 31).

Observamos, com isso, que os espaços para a literatura de autoria feminina ainda são limitados, há dificuldades tanto para publicação de suas obras, quanto para premiação. Quando ocorre, as escolhas das editoras se aproximam de escritoras já conhecidas e que têm um público firmado. Entendemos, assim, que o machismo perdura também no mercado literário, uma vez que não são dadas as mesmas oportunidades para ambos os gêneros.

Tais dados apontados até aqui reiteram que ocorre, ainda na contemporaneidade, uma manutenção de valores advindos de uma tradição cultural que, apesar de retrógrada, ainda define o rumo de muitas escritoras, de muitas mulheres. Apesar desse cenário não parecer animador, precisamos destacar, também, os avanços que já aconteceram sobre a forma de pensar das próprias mulheres sobre si mesmas. Nelly Novaes Coelho (1991) comenta que, ainda no século XX, elas adquirem uma nova postura:

Dentre os fatores mais importantes que atuam na “gestação” dessa “nova” mulher (cuja presença na Sociedade se faz cada dia mais forte), destacamos o amadurecimento crescente de sua consciência crítica. Consciência que a força a se posicionar, não só em relação à falência do modelo-de-comportamento feminino, herdado da Sociedade Tradicional (a Sociedade cristã/burguesa/liberal patriarcal/capitalista que vem sendo questionada e abalada em seus alicerces desde o início do século), como também quanto à interdependência existente ou imposições do contexto sociocultural em que essa criação surge (COELHO, 1991, p. 95).

É nesse contexto que a grande maioria das mulheres passa a perceber a possibilidade de ser protagonista de sua própria vida, de reivindicar direitos e espaços, de manifestar opiniões, de se desenvolver como alguém independente. Passa, enfim, a considerar errônea a visão de que seu lugar estava reduzido ao espaço doméstico e alça voos no campo das ciências, das artes e, principalmente, reivindica sua liberdade para desenvolver seu senso crítico sobre o mundo.

Embora seja evidente que ainda existem muitos obstáculos em busca da igualdade de direitos e oportunidades entre os gêneros, raças, estratos sociais, etc, precisamos destacar que muitas conquistas foram alcançadas. Refletir sobre a literatura produzida por mulheres possibilita a compreensão sobre anseios, pensamentos e emoções de uma minoria, de um grupo que é alvo de marginalização ainda no Brasil contemporâneo.

Há necessidade de discutir seus espaços, as possibilidades e os recursos utilizados, destacando a resistência dessas organizações em busca de espaços para suas manifestações. Direcionamos, então, o estudo para a organização *Mulherio das Letras*, investigando sua formação, o perfil das autoras, bem como seu papel político na expansão de seus espaços e principalmente na denúncia da exclusão que ainda sofre a mulher escritora no cenário literário contemporâneo.

Vozes femininas no cenário literário nacional contemporâneo: o grupo *Mulherio das Letras*

É nesse contexto de resistência e necessidade de senso crítico, que mulheres e outras minorias sociais buscam unir-se em grupos, trabalhando em conjunto, compartilhando ideias, divulgando suas obras e informações importantes sobre o mercado literário e editorial. O movimento *Mulherio da Letras* é um exemplo disso, uma organização que visa à conquista de

espaços para as mulheres no cenário da literatura nacional. É formado por pessoas que se identificam como mulher e funciona como um espaço colaborativo para formar redes de contato, diálogo e divulgação de escritos dos membros via redes sociais e encontros presenciais em todo o Brasil, e, mais recentemente, em outros países.

Salientamos, aqui, que os dados sobre o grupo são escassos, retirados da própria página do *Facebook* e matérias publicadas em *sites* que tratam sobre literatura. Apenas um artigo acadêmico foi encontrado sobre a temática, publicado por Vera Lúcia de Oliveira (2017), que destaca o processo de formação, principais discussões e informações sobre as fundadoras e moderadoras do grupo.

Também, é crucial destacarmos a volatilidade das informações que se obtém no cenário digital. Com um clique, publicações e textos são editados e modificados, ou excluídos, características de uma nova era em que as informações são acessadas rapidamente, mas também são naturalmente mutáveis e imateriais. Dessa forma, buscaremos destacar, em todas as citações retiradas da rede social *Facebook*, os links de acesso às publicações e as datas em que foram consultados. Alguns deles, possivelmente, serão modificados ou mesmo apagados, o que não desqualifica seu valor para a análise do grupo, mas também o caracteriza como um movimento em construção e atualização.

Sobre o nascimento do movimento, a pesquisadora Oliveira (2017) aponta que a criação dessa organização aconteceu a partir de conversas surgidas na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2016 em uma reunião informal. O questionamento das mulheres escritoras e demais envolvidas no processo de produção literária sobre a falta de espaço para a literatura de autoria feminina em prêmios e pelas próprias editoras motivou a ideia de promover a organização de um grupo que possibilitasse maior circulação e divulgação de obras de autoria feminina. Escritoras como Maria Valéria Resende, Conceição Evaristo, Mirna Queiroz e Joselia Aguiar chegaram à conclusão de que havia a necessidade de criar um grupo que, enfim, desse lugar às autoras do sexo feminino. Assim foi fundado o grupo *Mulherio das Letras* na rede social *Facebook*, e, mais tarde, a organização do encontro presencial nacional.

Se o movimento iniciou com um único grande grupo, em nível nacional, hoje também são formados grupos regionais, em que autoras de uma região ou cidade se encontram e conversam para discutir os caminhos da literatura e política em seu contexto social. De acordo com a descrição encontrada no coletivo nacional, já existem movimentos na Bahia, Baixada Santista, Brasília, Europa, Portugal, Estados Unidos, Mato Grosso, Nordeste, Natal, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Maria Valéria Resende, a responsável pela criação do grupo na rede social, é uma escritora que ganhou o prêmio Jabuti de 2015 com o romance *Quarenta dias*, além dos prêmios *Casa de Las Américas* e *Literatura de São Paulo* com a obra *Outros cantos*, em 2017. Também se destaca por ser uma das fundadoras do grupo *Mulherio das Letras*, destacando o intuito da organização de denunciar a exclusão sofrida pelas autoras em espaços literários tradicionais. Em matéria no *site* da *Revista Cult*, a escritora destaca que o grupo foi uma maneira de reunir mais de quatro mil mulheres participantes do mercado literário brasileiro, escritoras, pesquisadoras, docentes universitárias, jornalistas, editoras, agentes literárias, dramaturgas, designers, estudantes, artistas plásticas, para discutir ideias e contribuir para um movimento político de resistência e união em busca de igualdade entre mulheres e homens na Literatura Brasileira Contemporânea.

Valeska Asfora, produtora cultural, comenta, em texto publicado no *site* Porto do Capim, que Maria Valéria Resende entrou em contato na busca por relações para que se iniciasse um movimento de literatura voltado para as mulheres:

E então, em meio às plantas do jardim e um beija flor fazendo espetáculo de revoada e equilíbrio, ela contou que há tempos em conversas por aí entre o *mulherio das letras*, surge sempre a necessidade sentida por todas, de reunir o maior número de mulheres para discussão de temas de interesse, longe dos formatos habituais de feiras, festivais, entre outros, onde não

houvesse curadoria, mesas formadas por nomes de destaque, entre outras coisas, e que principalmente garantisse mais espaço as mulheres. Algo que seria assim, uma ampliação dessas conversas que já acontecem nos bares, calçadas, e outros espaços durante esses grandes e reconhecidos eventos literários. Seria mais um evento? Não. Seria com uma “metodologia” algo próximo àquela usada na educação popular, o diálogo, a busca dos consensos, e as formas de ultrapassar os dissensos para se chegar a novas ideias, caminhos e construções (ASFORA, 2017, p. 1).

Assim, o objetivo do grupo, desde sua formação, sempre foi ser algo inovador, no sentido de não permanecer igual a tantos outros eventos de literatura. As escritoras propunham um local de debate igualitário, sem convenções relacionadas a número de publicações ou reconhecimento de cada escritora, desprendido de qualquer forma de hierarquia, e logo o movimento se formou e ganhou espaços.

Com um objetivo tão importante e urgente para a sociedade contemporânea, o crescimento do grupo foi considerável, evidenciando o que era uma necessidade, dar mais visibilidade aos escritos de mulheres, ser resistência em um cenário literário que não reconhece o valor e a diversidade da produção literária feminina. Segundo Oliveira (2017), o *Mulherio das Letras* teve um crescimento que se refletiu não só para seu papel inicial, mas também, gerou produções em outros níveis:

Se o grupo nasceu, como se disse, com o objetivo de unir as forças e de organizar um encontro presencial em João Pessoa, que ocorreu com grande sucesso e com a participação de cerca de quinhentas intelectuais de todas as idades e de todas as partes do Brasil, na verdade ele começou a se articular em várias direções, levando à publicação da primeira coletânea poética do Mulherio, organizado por Vanessa Ratton (com a participação de 59 autoras), à primeira antologia de contos, organizada por Henriette Effenberger (que conta com 101 escritoras), à produção de vídeos (como o do grupo “Mulherio das Letras na Europa”, grupo que tem atualmente 290 participantes, conforme a última consulta de 01/02/2018), à promoção de várias outras atividades, como lançamentos de livros, participação em feiras literárias e congressos, que movimentam os grupos regionais (OLIVEIRA, 2017, p. 54).

Fica evidente, então, o protagonismo dessas mulheres, participantes do grupo, na busca por espaços para discutir e falar sobre literatura e produções escritas. Ora, se não são dadas oportunidades em eventos e coletâneas, elas produzem as suas e se firmam não apenas como um movimento de escritoras, mas de mulheres que fazem parte da cadeia literária desempenhando diferentes papéis. Essa tendência pode apontar, então, para novas perspectivas para se perceber o polissistema literário brasileiro, como já evidenciamos, pela necessidade de entender a literatura em sua pluralidade de vozes.

É nesse sentido que consideramos o movimento *Mulherio das Letras* como uma forma de resistência. Retomando a ideia de Bosi (1996) entendemos que, se existe uma força dominante, que impõe violências de gênero e oprime as mulheres, deve existir uma força oposta a ela, responsável por questionar e resistir, enfrentando essa realidade. Assim, o grupo do Facebook que analisamos pode ser visto como uma resistência por ser uma formação de mulheres que se sentem prejudicadas por um sistema literário que é composto predominantemente por homens, que não dá à mulher as mesmas oportunidades que são dadas aos homens.

Para além do campo digital, o coletivo já realizou três encontros presenciais, eviden-

ciando o progresso e a expansão dos espaços do grupo: o I Encontro Nacional do Mulherio das Letras ocorreu de 12 a 15 de outubro de 2017 em João Pessoa, na Paraíba, o II de 02 a 04 de novembro de 2018 no Guarujá, em São Paulo, e o terceiro nos dias 1 a 3 De novembro de 2019, em Natal, Rio Grande do Norte.

No segundo encontro presencial realizado pelo coletivo, destacamos que as mulheres participantes redigiram uma carta aberta sobre o grupo e suas intenções, destacando seu objetivo como coletivo feminista literário diretamente interessado na expressão pela palavra escrita e oral, que se propõe a discutir as questões da mulher nas áreas da arte e da cultura. O texto está disponível na aba “sobre” e compreende questões de interesse do coletivo. As autoras elencam o comprometimento do grupo na defesa das seguintes pautas:

1. O exercício pleno e irrestrito da democracia;
2. A liberdade de expressão;
3. A garantia e ampliação das políticas públicas para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas;
4. Salvaguardar os direitos das mulheres, bem como fortalecer e dar visibilidade à literatura produzida por elas;
5. Comprometimento com a defesa da diversidade étnica, de gênero, de classe, de orientação sexual, bem como com a inclusão das mulheres com deficiência;
6. A defesa da educação e, especialmente, da universidade pública, gratuita, laica, de qualidade, inclusiva e aberta à comunidade;
7. A resistência ao sucateamento e desmantelamento dos equipamentos culturais e instituições públicas.

Paralelamente, o Mulherio das Letras realizará ações efetivas nos níveis regional, nacional e internacional, no sentido de manter permanentemente mobilizado o Movimento (MULHERIO DAS LETRAS, 2018).

É importante destacar tais pautas como parte de uma política do grupo, já que os itens elencados destacam os principais interesses e necessidades para um coletivo de mulheres e para pessoas que valorizam a literatura brasileira, de maneira geral. Destacam-se a democracia e liberdade de expressão como direitos garantidos, a defesa de políticas públicas que priorizem a leitura e o acesso aos livros, aspecto que evidencia a preocupação das participantes não apenas com a literatura feminina, mas com o estímulo à formação de leitores nas escolas.

Também, vale ressaltar o comprometimento com direitos relacionados à mulher, mas também à garantia da diversidade étnica, de gênero, de classe, de orientação sexual e inclusão das mulheres com deficiência. Nesse sentido, salientamos que o grupo entende sua formação heterogênea, evidencia tal diversidade e busca, em suas pautas principais, defendê-la. As duas últimas questões expõem a preocupação do grupo sobre instituições públicas que tratem de educação e cultura, destacando o interesse na formação de sujeitos e uma sociedade cada vez mais consciente, leitora e crítica.

Tais fundamentos da carta aberta revelam, por isso, preocupações não apenas direcionadas à produção de literatura feminina, mas também, e principalmente, políticas voltadas

para a formação cultural do Brasil e garantia de direitos inerentes à condição humana. O *Mulherio das Letras*, como um grupo de escritoras, mostra-se um coletivo democrático interessado em discutir todos os assuntos que dizem respeito à educação, cultura e sociedade.

Pensando em maneiras de garantir uma análise que corresponda à importância e à amplitude do grupo, consideramos necessário conhecer mais sobre quem são suas representantes, que perfil de grupo elas revelam, além de refletir sobre os objetivos e temáticas das publicações compartilhadas no grupo Mulherio das Letras. Nesse sentido, buscamos, aqui, compreender melhor os processos envolvidos no grupo e seu valor para a ampliação dos espaços de fala da mulher escritora.

Assim, analisamos a moderação do grupo, entendendo em que consiste tal tarefa, e quem são as responsáveis pelo processo, elencadas como administradoras do grupo. Entendemos seu papel como representantes, como porta-vozes do movimento na rede social Facebook, por isso a importância de conhecermos cada uma, refletindo sobre seu espaço de fala e sua relação com a literatura, de maneira geral. A moderação tem o papel de manter o propósito de existência dele, tomando decisões e garantindo a abertura para construções coletivas e contribuição de todas as participantes.

As envolvidas no processo de moderação, no grupo nacional, na data da pesquisa, segundo semestre de 2019, são os seguintes perfis: Aline Cardoso, Cintia Gushiken, Cláudia Marczak, Cristiane Brasileiro, Giovana Damaceno, Gleycielli Nonato, Lu Ain Zaila, Maria Valéria Rezende, Marília Kubota, Rejane Souza, Rosângela Vieira Rocha, Silvana Marcia Schilive, Valeska Asfora. Entendendo que as moderadoras são uma espécie de representantes do grupo, buscamos analisar seus perfis a fim de entender quem são e de que maneira as letras se manifestam em sua vida.

Analisando esse grupo de administradoras, ficam evidentes o interesse e o trabalho pela área da literatura. Das 13 mulheres, 12 delas são escritoras com livros publicados, o que evidencia o fato de serem protagonistas não apenas do seu fazer literário, mas também da movimentação nacional sobre literatura e cultura. Jornalistas, professoras, produtoras culturais, acadêmicas, autoras iniciantes ou com longa trajetória nos caminhos da escrita, esses perfis revelam uma heterogeneidade quando se trata de lugar de fala no que tange ao sistema literário, profissão. Isso revela que há a preocupação com a heterogeneidade na própria organização do grupo.

Das treze elencadas, cinco são moradoras da região nordeste, o que salienta que as redes de contato ocorrem principalmente próximas ao espaço de um dos principais nomes da fundação do grupo, Maria Valéria Resende, que reside em João Pessoa, na Paraíba. Além disso, também podemos entender essa grande participação das escritoras nordestinas como um grupo que está fora do eixo principal de produção cultural, Rio de Janeiro e São Paulo, o que reitera sua posição marginal e seu interesse pela luta por igualdade no sistema literário brasileiro. Quatro delas pertencem à região sudeste, duas representantes do sul e duas do centro-oeste formam um grupo que, de maneira geral, tem representantes em boa parte do território brasileiro, exceto região norte do país.

Das treze mulheres, duas são negras, uma é nipo-brasileira e uma é indígena, marcas que refletem a segregação desses grupos em muitos meios, reiterando uma resistência dupla dessas mulheres, correspondentes a luta de gênero e cor. Além disso, tal dado pode representar a menor quantidade de acesso dessas minorias a grupos de estudo da literatura, ou mesmo de estímulo à produção de textos literários, o que representa o caminho que ainda temos a percorrer na busca por espaços de fala para todas.

Muitas delas já têm sites ou blogues em que publicam seus textos e pensamentos, além de contarem sua história. Assim, fica visível que tais mulheres já possuem contato com as redes e formatos de edição e publicação virtual, atuando nesse contexto como mais um recurso para dar visibilidade ao seu trabalho. Além disso, também podemos inferir acerca de sua independência sobre o sistema literário, na medida em que editam, publicam e divulgam seus trabalhos através de formas diferentes do mercado editorial tradicional.

O conteúdo das obras publicadas pelas autoras revela, de maneira geral, uma preocupação em refletir sobre a condição humana, em retratar sujeitos que buscam encontrar suas ver-

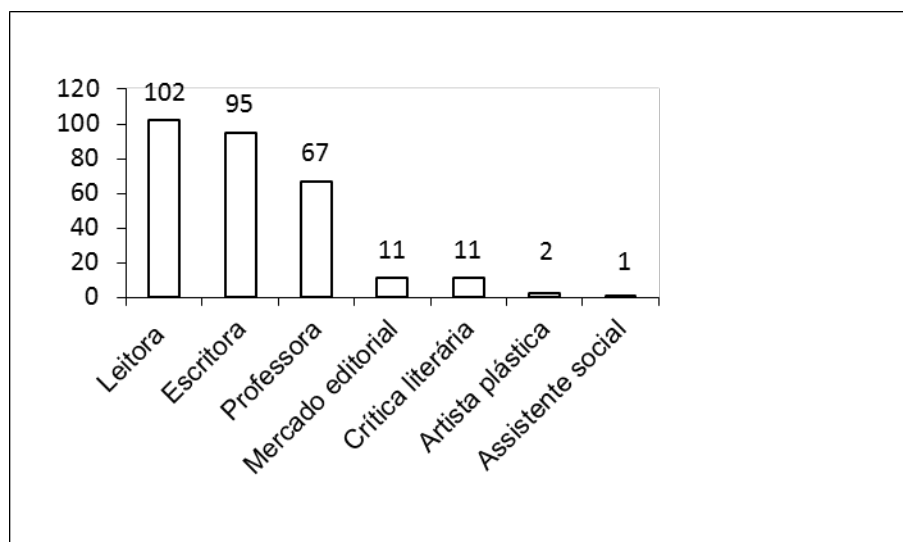
dades e sua felicidade. Cabe dizer, ainda, que a maioria das protagonistas e eu-líricos dos textos são mulheres, e muitas de suas histórias têm relação com a vida das próprias autoras. Isso revigora a perspectiva de uma visão de uma minoria social diante de uma sociedade da qual é vítima, mas que faz de seus anseios uma possibilidade artística e de representação social.

A análise do perfil de todas as mulheres que compõem o movimento, como atuantes do sistema literário, seria importante, porém, com um grupo composto por 6.708 participantes¹, entendemos como ser um objetivo muito ambicioso, pela falta de dados e recursos para tal atividade. Uma proposta alternativa a isso foi a publicação de uma enquete, ferramenta disponível no grupo, para postagem, em que as participantes do *Mulherio das Letras* poderiam votar nas alternativas com as quais se identificavam.

Embora a enquete não tenha grande alcance, se considerarmos o número total de participantes, é possível perceber esses dados como uma amostra da composição do grupo, que se delinea como um perfil composto por profissionais de diferentes áreas, que têm em comum a percepção da importância de tratar sobre literatura, cultura e questões feministas.

Ela foi proposta no dia 24 de julho de 2019 e permanece disponível para acesso e voto por período indeterminado. A pergunta proposta foi “Qual sua relação com as letras/literatura?”. Como alternativas, elencamos: leitora, escritora, trabalho no mercado editorial, crítica literária e artista plástica. A ferramenta de enquetes do Facebook permite que qualquer membro do grupo acrescente mais alternativas, caso aquelas expostas não correspondam a resposta que se deseja dar. Foram acrescentadas as respostas: professora e assistente social. 284 mulheres responderam a pesquisa, algumas delas selecionando mais de uma opção. Com os dados coletados, foi possível elaborarmos um gráfico com resultados destacados a seguir:

Figura 1. Relação dos membros do grupo com a área de Letras e Literatura



Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados evidenciam que 102 mulheres definiram-se como leitoras, apreciadora das letras, 95 marcaram a opção escritora, 67 apontaram sua profissão de professora, 11 trabalham no mercado editorial, 11 são críticas literárias, duas assinalaram a opção artista plástica, uma assistente social.

Podemos inferir que o principal interesse pela literatura é o gosto pela leitura, um aspecto importante, já que esta se configura como o principal foco do *Mulherio das Letras*. Assim, salientamos que o grupo não é acessado apenas como uma ferramenta de divulgação e pesquisa, mas também de fruição, aspecto fundamental para a formação de leitores. Isso também revela que há, entre as mulheres do grupo, a leitura dos textos umas das outras, o que

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/601979220008314/members/>. Acesso em: 14 out 2019.

estabelece uma enriquecedora relação de troca e de diálogos.

A grande presença de escritoras, de acordo com a enquete, confirma tal questão, já que há, no grupo, um engajamento das autoras em contribuir com seus textos e divulgar suas obras e eventos. O movimento só tem essa amplitude e quantidade de membros porque há a adesão das mulheres, que veem ali um espaço de discussão, crítica e debate sobre literatura, sociedade e gênero.

A quantidade de professoras no grupo também é um aspecto positivo. Entender que há, na educação, professores engajados com a leitura fora do contexto de sala de aula é fundamental quando se pensa na influência de um professor-leitor. Além disso, se revela um senso crítico por parte desses profissionais, que compreendem as segregações do sistema literário nacional e do próprio cânone, o que pode se refletir em suas práticas docentes.

A presença de mulheres relacionadas ao mercado editorial e a crítica literária reflete a visão do grupo como um espaço para todos os membros do processo de construção da literatura. Contar com profissionais que discutem literatura sob um viés analítico é importante para percebermos a seriedade do movimento como um formador de novos caminhos, construídos por pessoas engajadas e interessadas em pensar a igualdade de gênero na literatura e as possibilidades de encontrar espaços para as escritoras. São aspectos que demonstram um protagonismo, por parte das autoras, em falar sobre suas obras, divulgá-las em eventos e páginas, sem depender unicamente de editores ou grandes nomes do mercado literário nacional para isso.

As opções assistente social e artista plástica, embora tenham poucos votos, reitera uma questão fundamental, de que profissionais de outros setores também de interessam por literatura e, principalmente, a percepção de que as reflexões surgidas no grupo se refletem e se manifestam também em outras áreas relativas à cultura.

Vale destacar que a baixa adesão da enquete, considerando o número de membros do grupo, também é um dado passível de análise, já que é indicativo de um novo ritmo da modernidade, típico do mundo digital. Novas notícias e textos são publicados a todo tempo, em um modelo social dinâmico e rápido. Assim, pouco tempo depois que um texto ou material é publicado, logo outros surgem, é o que acontece no grupo também.

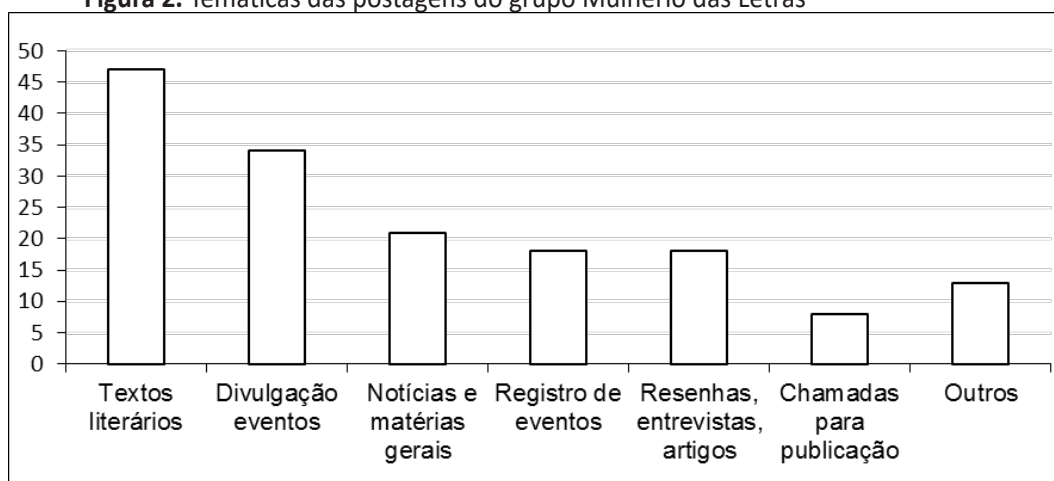
Devido a velocidade e quantidade de publicações divulgadas, muitas vezes pode ocorrer uma análise superficial do conteúdo, ou mesmo sua visibilidade apenas em curto prazo. Isso destaca a instabilidade dessa era digital, em que tudo é mutável, editável, passível de exclusão, o que pode tornar muitas notícias e conteúdos relevantes em manchetes passageiras.

Feitas tais considerações gerais sobre o grupo, sua formação, seu histórico e seus fundamentos principais e objetivos, partimos agora para a análise das suas publicações. Ressaltamos que é um grupo com grandes proporções, em nível nacional, que conta com sete mil mulheres participantes, número que cresce todos os dias. Assim, buscamos, através da leitura e análise das publicações, refletir sobre os objetivos e as temáticas das publicações compartilhadas no grupo *Mulherio das Letras* e seu valor para a ampliação dos espaços de fala da mulher escritora.

A quantidade de material diária postada no grupo é grande, o que reitera a grande circulação e acesso ao grupo e torna a análise menos precisa do que gostaríamos. Evidenciamos, então, a pluralidade de vozes do grupo, que, mesmo pertencentes a diferentes espaços sociais, trabalham juntas para a consolidação de espaços para a literatura de autoria feminina e discussão de desigualdades de gênero. Uma última análise que se faz sobre o grupo trata da temática e conteúdo das publicações, para percebermos quais são as principais questões abordadas.

As postagens compartilhadas no *Facebook*, então, revelam perpassar por algumas temáticas, assuntos de postagens que elencamos agora para discussão. Para analisar, na prática, como funcionam as postagens do grupo, selecionamos os últimos dez dias do mês de setembro como amostra do que é publicado, o que corresponde a um período que vai do dia 20 a 30 de setembro de 2019. A quantidade de material diária é grande, o que reitera a grande circulação e acesso ao grupo do *Facebook*. Por isso elaboramos um gráfico com os assuntos utilizados e, após, discutimos algumas temáticas mais usuais das postagens, que tratam da literatura feminina e resistência, de reflexões sobre as violências contra a mulher no campo literário e fora dele.

Figura 2. Temáticas das postagens do grupo Mulherio das Letras



Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo para a descrição dos tipos de publicação encontrados no grupo, destacamos que o mais recorrente é a divulgação de textos literários. Como objetivo principal do grupo, a busca pela visibilidade das autoras acontece principalmente através do compartilhamento dos poemas, crônicas, contos ou mesmo links de acesso às páginas para o download ou compra do livro. É importante salientarmos que a maioria das publicações desse cunho são divulgadas pelas próprias autoras, evidenciando seu protagonismo no próprio processo de divulgação dos seus escritos. O espaço do Facebook é utilizado, então, para destacar o que é produzido pelas mulheres escritoras do grupo, que encontram ali um espaço e direito de fala para divulgar seus materiais, além de encontrarem possíveis leitoras de suas obras, que podem comentá-las, elogiá-las, estimulando a produção e o exercício reflexivo sobre literatura.

A divulgação de eventos também é comum entre as publicações do *Mulherio das Letras*. Lançamentos de livros e sessões de autógrafa, oficinas, exposições de arte, divulgação de programações de feiras, saraus e congressos sobre literatura e cultura são muito divulgados. São postados fotos, vídeos e relatos sobre como aconteceu e os resultados obtidos. Participantes, organizadoras ou escritoras convidadas utilizam a página como uma forma de divulgação, a fim de atingir o maior público interessado em valorizar e apreciar a literatura. O movimento pode funcionar, então, como uma espécie de mural de eventos, em que se destacam movimentos em prol da cultura e leitura em todo o Brasil. Além disso, evidenciar os resultados de muitos dos eventos divulgados anteriormente também é fundamental, pois se configura como um retorno às demais participantes do grupo sobre como aconteceu a atividade e é atribuído às organizadoras e produtoras o devido reconhecimento pela ação desenvolvida.

Outra forma de postagem é realizada através do compartilhamento de notícias e matérias de interesse geral, com viés político. Como leitoras do mundo e mulheres conscientes dos processos sociais e da opressão que acomete a contemporaneidade, estarem cientes e atualizadas dos últimos movimentos, avanços e retrocessos no que tange à política, segurança e minorias sociais, especialmente relativas à mulher, é algo fundamental.

Também há o compartilhamento de resenhas, artigos e entrevistas que abordem literatura ou questões feministas. Embora muitas vezes não sejam textos produzidos pelas integrantes, obras que despertam o senso crítico das leitoras também são veiculadas. Isso reflete o engajamento do grupo não apenas em tratar propriamente do fazer literário dentro do movimento, mas também em se manter atualizado sobre os conhecimentos do mundo, fora das fronteiras do movimento.

Tais aspectos demonstram a diversidade de publicações presentes no grupo, que passam a temática feminina e a literatura, em linhas gerais. É interessante observar os conteúdos propostos aos mais diversos interesses, que vão desde a divulgação de ações de valorização da leitura e literatura escrita por mulheres, até levantamento de debates de cunho mais científico. Isso demonstra que, acima de tudo, o grupo *Mulherio das Letras* é um espaço de

diálogo, aberto e sem formalidades, em que todas podem se expressar e compartilhar ideias e textos.

Além disso, é importante salientar a expansão das questões levantadas no grupo para toda a sociedade. Eventos presenciais que prestigiam as autoras do grupo, publicações de antologias com textos das escritoras e o convite de muitas delas para discutirem a autoria feminina em outros contextos são exemplos que mostram como o grupo pode ser visto como uma resistência à supremacia masculina, tanto na literatura quanto em outros âmbitos sociais.

Quando pensamos o espaço do movimento *Mulherio das Letras* na literatura nacional, é possível perceber que é uma organização que aponta para um novo panorama. Se antes os escritores dependiam unicamente de indicações, apoio de grandes editores e críticos ou dos grupos editoriais dominantes, na contemporaneidade os autores reivindicam seus espaços de fala, através de eventos culturais independentes, blogs, formação de coletivos de autores e produções em conjunto.

Com o acesso à internet, o conhecimento, a informação e a leitura são uma realidade em alguns cliques ou toques. Sites especializados em literatura, disponibilização de obras, blogues de autores e novos escritores dividindo experiências são realidades que se delineiam como um novo cenário para a literatura. De acordo com Ornellas (2014),

Depois de proclamado de diversas formas e em diversas épocas o desinteresse pela leitura literária e a morte da poesia, eis que a internet propicia o retorno com força de uma nova geração de escritores, poetas e leitores para as “epifanias” e debates literário-culturais no Brasil (ORNELLAS, 2014, p. 71).

A internet, então, surge como um novo fôlego para o exercício da literatura, seja na leitura, escrita, divulgação e contato entre leitor-escritor. Isso propiciou o desenvolvimento de organizações, manifestações, encontros e diálogos inclusive de grupos minoritários de escritores que não possuem amplo alcance fora das redes virtuais.

É claro que não será repentina a perda do espaço e da força hegemônica que o cânone e todos os discursos que se revelam conservadores e patriarcais, na literatura, possuem. Isso porque refletem marcas decorrentes de uma constituição brasileira marcada por violências, segregações que tem suas raízes firmadas até a contemporaneidade. Apesar disso, devemos notar que movimentos que discutem e questionam tais tradições estão em ascensão e desenvolvimento, os autores marginais percebem seu poder e sua coletividade e buscam alternativas para contrariar um sistema que não os reconhece.

Não buscamos, aqui, fazer um mapeamento exato das manifestações, participantes e publicações do movimento no Facebook. Uma rede social é um campo aberto e multifacetado, as informações disponíveis não podem ter sua veracidade totalmente comprovada sem acesso às informações privadas e, como já comentamos, a internet é um espaço dinâmico, porém mutável. Nosso principal interesse é verificar como tal grupo pode possibilitar discussões sobre literatura, ser um espaço de divulgação para escritoras e estimular a leitura e autonomia da mulher nesse processo.

Considerações Finais

O Brasil contemporâneo, ainda hoje, revela traços de um machismo perceptível em todas as esferas sociais. Basta discutir alguns dados de pesquisas sobre gênero que salta aos olhos a hegemonia masculina nos mais diversos cenários, entre eles, o literário. Se em um passado não muito longínquo a mulher sofreu um processo de segregação contundente no que tange à cultura, tendo pouco acesso à educação e impossibilitada de publicar seus escritos, hoje restam marcas dessa realidade, expostas pela desigualdade de gênero relativa a espaço de fala sobre literatura, preferências do mercado editorial, presença em eventos, premiações, etc..

A temática desse trabalho decorreu dessa preocupação, de entender as dificuldades da

mulher escritora quanto à publicação e divulgação de suas obras, da falta de reconhecimento destas no cenário nacional das Letras e da movimentação das próprias escritoras em buscar visibilidade para suas obras. É com esse pensamento que buscamos destacar o coletivo literário feminista *Mulherio das Letras*, como um movimento de apoio à literatura de autoria feminina, de apoio às mulheres que escrevem, que leem, e que se preocupam com os rumos da leitura e da literatura no Brasil, com a valorização de todas as minorias sociais oprimidas.

Com os resultados da pesquisa, destacamos que o grupo é composto por sete mil mulheres, na última visualização, em maio de 2020, e que, em suas regras gerais, ressalta uma valorização da heterogeneidade, das diversas vozes e lugares de fala das participantes. Princípios como o respeito à diferença, o repúdio a preconceitos e o estímulo ao diálogo são fundamentais para que as diferenças sociais não sejam uma forma de segregação, mas um enriquecimento para as discussões.

É um espaço colaborativo que não possui hierarquias ou estratificações, todas podem comentar, expor suas opiniões e divulgar eventos e obras. Cabe destacarmos que toda coletividade, em seu interior, tem muitas divisões, nem sempre justas, porém, é a busca por possibilitar o direito de fala a todas elas que se compõe como uma forma de romper as barreiras da estratificação social. Assim, a coexistência de diferentes grupos sociais em um movimento com causas em comum pode explorar possibilidades de diálogos, trocas culturais e atenção às diferenças, avanços ainda maiores ao se pensar a literatura de minorias.

Espaços de discussão sobre minorias, movimentos à margem e crítica a formas de segregação e silenciamento são fundamentais não apenas para um grupo minoritário, mas para o fortalecimento de todos aqueles que são afetados por esse sistema conservador, responsável por manter tantos autores e autoras fora do cenário literário nacional. A ação de refletir sobre uma minoria social, seja qual for, pode trazer à tona não apenas a visibilidade e a análise de determinado grupo, mas também promover a reflexão sobre as tantas desigualdades presentes na sociedade contemporânea, que precisam ser denunciadas.

Destacamos, com isso, a importância de se perceber a literatura de outra forma, longe dos estigmas e conceitos estanques tradicionais comumente adotados. Desprender-se desses preconceitos e conservadorismos estabelecidos pelo sistema literário tradicional é valorizar a literatura advinda de diferentes lugares de fala, é democratizar o acesso e garantir um espaço cada vez maior e mais abrangente para a discussão sobre cultura e sociedade.

Estudar o movimento *Mulherio das Letras*, ler as publicações, entrevistas e perceber, em cada compartilhamento, dedicação e engajamento reiterou a importância de coletivos de autores como formas de resistência e debate sobre literatura. Se nossa discussão, nessa pesquisa, se encerra aqui, no cenário literário ela precisa continuar. Discursos machistas, opressores e reducionistas devem ser questionados e a luta pelos direitos das minorias, seja no campo da literatura, da cultura, ou da sociedade, de maneira geral, deve continuar.

Referências

ASFORA, Valeska. **Mulherio das Letras** – Diário de Desbordo. 13 jun. 2017. Rádio Porto do Capim. Disponível em: <http://radioportodocapim.com.br/mulherio-das-letras-diario-de-desbordo/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**, Araraquara, n. 10, p. 11-27, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**, v. 16, n. 19, p. 91-101, 1991.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DAMACENO, Giovana. **Regras e dicas do Mulherio Das Letras**. São Paulo, 24 março 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/601979220008314/permalink/1004809273058638/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

ESSER, Débora Cristina. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. **Revista Línguas e Letras**, Unioeste, v. 15, n. 30, 2014.

MULHERES DE LUTA. **Mulherio das Letras - Maria Valéria Rezende**. 2018. (2m05s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rytdrJToUSY>. Acesso em: 10 mai. 2020.

MULHERIO DAS LETRAS. **Carta Aberta do II Encontro Nacional do Mulherio das Letras 2018**. Guarujá, 4 nov. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/601979220008314/announcements/>. Acesso em 10 mai. 2020.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. O Mulherio das Letras. **Revista de Letras Norte@mentos**. Dossiê: "Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo", Sinop, v. 11, n. 25, p. 47-61, jun. 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norte-amentos/article/view/3252/2335>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ORNELLAS, Sandro. Cultura Literária Contemporânea no Brasil: Notas sobre Internet, Poesia e Resistência. **Brasiliana – Journal for Brazilian Studies**, v. 3, n. 1, jul. 2014.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas. **Estudos Feministas**, v.5, n.1, p.7-29, 1997.

Recebido em 09 de outubro de 2020

Aceito em 19 de março de 2021